

## **MITOS E CONCEPÇÕES ACERCA DO BILINGUISTO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO DE MÃE PERUANA E FILHA BRASILEIRA**

### ***MYTHS AND CONCEPTIONS ABOUT CHILD BILINGUALISM: A CASE STUDY OF A PERUVIAN MOTHER AND A BRAZILIAN DAUGHTER***

Bruna Teixeira-Correa<sup>1</sup>

Universidade Federal de Pelotas

Isabella Mozzillo<sup>2</sup>

Universidade Federal de Pelotas

#### **RESUMO**

Variados são os mitos que envolvem a aquisição de mais de uma língua durante a infância. Tais concepções errôneas acabam tendo influência nas atitudes linguísticas dos pais, principalmente porque muitas delas são difundidas por profissionais. Este estudo de caso de natureza qualitativa é baseado em De Houwer (1990), cuja perspectiva assume que o bilinguismo se assemelha ao processo de aquisição da língua materna, em que o indivíduo adquire uma outra língua concomitantemente. Dessa forma, este artigo tem como objetivos principais observar a influência dos mitos que circundam o bilinguismo infantil na atitude linguística de uma mãe que decidiu não ensinar a sua língua materna a sua filha, identificar o sentimento da filha, já adulta, em relação a essa escolha e, por fim, observar o papel do pai nessa decisão. Para isso, foram gravadas entrevistas com mãe e filha tendo por base um roteiro previamente elaborado. Os resultados apontaram que a mãe sofreu influências de mitos referentes ao bilinguismo infantil na decisão de não ensinar a sua língua materna a sua filha; que esta questiona a decisão de sua progenitora; e que o pai teve influência negativa na decisão da mãe.

**PALAVRAS-CHAVE:** bilinguismo infantil; mitos; atitude linguística.

#### **ABSTRACT**

There are several myths involving the acquisition of more than one language during infancy. Such misconceptions end up influencing parents' linguistic attitudes, mainly because many of them are spread by professionals. The present qualitative case study is based on De Houwer (1990), whose perspective assumes that bilingualism resembles the first language acquisition process, in which the individual acquires another language simultaneously. Therefore, this paper aims at observing how myths regarding child bilingualism influence on the attitudes of a mother who decided not to teach her native language to her daughter, and also identify feelings the daughter, who is currently an adult, has about such choice, and lastly, observe the role of the father on the decision. For the study, interviews were recorded including mother and daughter, and based on a script previously elaborated. The results showed that the mother was influenced by the myths surrounding bilingualism in her decision not to teach her daughter her mother language; whereas the daughter questions the decision of her parent; and that the father had a negative influence on the mother's decision.

**KEYWORDS:** child bilingualism; myths; linguistic attitude.

---

<sup>1</sup>Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Pelotas e doutoranda em Letras pela mesma instituição. E-mail: correatbruna@gmail.com.

<sup>2</sup>Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e professora titular do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: isabellamozzillo@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

São muitos os mitos e concepções acerca do bilinguismo<sup>3</sup> infantil. Muitos deles, como a “confusão cerebral” que causaria nas crianças, seja elaborado/pensado por leigos ou até mesmo por profissionais, acabam levando a determinadas atitudes linguísticas, como não ensinar a língua materna do pai e/ou da mãe para os filhos, situação encontrada neste estudo de caso.

Grande parte da literatura volta a sua atenção para casos de crianças bilíngues cujos pais ensinaram a sua língua materna, olham para o discurso dessas crianças e para os fenômenos linguísticos imbricados nesses atos de fala envolvendo duas ou mais línguas. São poucos, no entanto, os que têm como objetivo conhecer e refletir acerca das motivações de uma mãe para **não** ensinar a sua língua para os seus filhos e o que esses filhos, depois de crescidos, pensam a respeito dessa atitude linguística.

Por conta disso, as seguintes questões de pesquisa foram delineadas para este estudo: (i) Os mitos advindos do senso comum acerca do bilinguismo infantil influenciaram a mãe na decisão de não tornar a sua filha bilíngue na infância?; (ii) Qual o sentimento da filha, hoje, em relação a não ter aprendido a língua materna da sua genitora?; e, embora não como foco deste estudo, mas de relevância para estudos de casos outros a serem investigados, (iii) O pai teve papel importante na decisão da mãe de ensinar ou não o espanhol para a filha? Os objetivos deste trabalho são, portanto, (i) verificar se há influência dos mitos que circundam o bilinguismo na decisão de uma mãe quanto a não ensinar a sua língua materna para a sua filha; (ii) averiguar o impacto/efeito dessa decisão na vida dessa criança, hoje adulta, e qual a sua visão acerca disso; e verificar (iii) a influência do pai na decisão da mãe de não ensinar língua espanhola variante peruana a sua filha. As hipóteses iniciais eram que (i) os mitos acerca do bilinguismo infantil exerceram algum tipo de influência na mãe peruana quanto à decisão de não compartilhar a sua língua materna com a filha, (ii) a filha, hoje adulta, gostaria de ter recebido a língua materna da mãe e a questiona acerca disso e (iii) o pai teria tido influência negativa na decisão do ensino do espanhol à criança.

Espera-se, com este estudo, além dos objetivos supracitados, contribuir com a literatura da área acerca do bilinguismo na infância, conhecer outros mitos relacionados ao assunto, talvez diferentes dos apresentados até então, e pensar em desdobramentos para maiores aprofundamentos em pesquisas futuras semelhantes a esta.

### 1 O bilinguismo

Ser bilíngue, hoje, é a realidade da grande maioria da população mundial. O senso comum ainda acredita que para cada país há uma língua correspondente, como o português no Brasil, e que, portanto, as pessoas são, em sua maioria, monolíngues. Essa concepção equivocada provavelmente exista por conta da conhecida passagem bíblica referente à Torre de Babel (*Gênesis 11, 1-9*), em que Deus teria punido as pessoas que o desobedeciam com o multilinguismo, isto é, teria lhes dado várias línguas para que não houvesse intercompreensão, confundindo a linguagem do povo. Desde os tempos remotos, portanto, já é possível se deparar com visões e ideologias negativas acerca do bilinguismo: ameaça à pureza linguística, risco da “língua nenhuma”, descaracterização da língua nacional, afronta à integridade de uma língua, entre muitas outras.

A realidade, porém, é outra. Segundo Moore (2006), há, para 200 países, em média, 8000 línguas faladas, o que deixa claro o predomínio do bilinguismo, ainda que em diferentes graus de

---

<sup>3</sup>O bilinguismo será considerado, neste trabalho, conforme De Houwer (1990), isto é, um processo semelhante ao da aquisição da língua materna, em que o indivíduo adquire uma outra língua concomitantemente, ou seja, é exposto a ela desde o seu nascimento, logo, tem duas línguas maternas.

proficiência. O ser bilíngue já foi vastamente estudado pela literatura. Para Bloomfield (1933, apud HARDING; RILEY, 1986), o bilinguismo é sinônimo de domínio de uma língua estrangeira (doravante LE) assim como um nativo; Weinreich (1953) acredita ser bilíngue aquele que faz o uso alternado de duas línguas; Haugen (1953) pensa que o fenômeno do bilinguismo começava com a habilidade de produzir sentenças que estivessem completas e que tivessem sentido dentro daquela língua estrangeira; Macnamara (1967), porém, pensa ser bilíngue aquele que possui competência em grau mínimo em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) na LE. Algum tempo depois, Grosjean (1994) direciona a sua concepção de bilinguismo para o uso das línguas, o que a torna um pouco mais restrita, isto é, bilíngues são as pessoas que utilizam duas ou mais línguas diariamente, seja por questões profissionais, familiares ou sociais.

Para Hamers e Blanc (2000), é necessário observar seis dimensões quando da definição de bilinguismo: (i) competência relativa; (ii) organização cognitiva; (iii) idade de aquisição; (iv) presença ou não de indivíduos falantes da língua estrangeira no ambiente em questão; (v) status das duas línguas envolvidas; (vi) identidade cultural. A primeira delas diz respeito à competência do falante, seja ela maior, menor ou equivalente em ambas as línguas; a segunda diz respeito ao modo de organização dos signos linguísticos em relação aos significados das línguas envolvidas e a sua representação; a terceira tem relação com o bilinguismo infantil, adolescente ou adulto; a quarta diz respeito às línguas endógenas ou exógenas, isto é, respectivamente, língua usada como materna em uma comunidade ou língua oficial e institucionalizada, mas sem comunidade de fala; a quinta diz respeito ao status atribuído a essas línguas, se são valorizadas ou desvalorizadas; e a sexta tem a ver com a relação do indivíduo com as culturas referentes àquelas línguas, se é reconhecido nos grupos culturais ou se só em um deles, se há renúncia da identidade cultural relacionada à língua materna (doravante LM), se tem problemas ao adotar elementos culturais dos falantes da LE, entre outras questões.

Independentemente do conceito de bilinguismo, o ponto em comum entre todos os autores e profissionais da área é que ser bilíngue traz inúmeros benefícios para o falante, embora, muitas vezes, haja preconceitos e ideias equivocadas acerca disso. Segundo Mozzillo (2008), o emprego de dois ou mais sistemas por um falante não é problemático, é natural, e não se pode ver as misturas entre os sistemas linguísticos por ele dominados, seja no nível da frase ou do enunciado, feitas por esses falantes, como algo negativo. Muito pelo contrário: ter duas ou mais palavras disponíveis para cada objeto e/ou ideia, segundo Baker (2014), significa lançar mão de uma maior elasticidade de pensamento e, conseqüentemente, de um maior número de conexões neuronais. Para Mozzillo (2001), tornar-se bilíngue, seja durante a infância ou durante a fase adulta, em ambiente natural ou artificial, é ter capacidade acurada para reconstruir situações perceptuais, além de dispor de maior inteligência verbal e não verbal, sensibilidade para inferir relações semânticas e facilidade para formar conceitos.

As mesmas vantagens são identificadas nos casos de bilinguismo infantil, seja ele simultâneo, quando a criança aprende as duas línguas ao mesmo tempo e é exposta a elas desde a sua vinda ao mundo, ou sucessivo, quando, primeiramente, a criança aprende as bases da língua materna para, depois, chegar à LE (HAMERS; BLANC, 2000, p. 28). Dar o direito a uma criança de aprender outra língua ainda na infância é, como se sabe, permitir-lhe desenvolver mais cedo a sua consciência linguística, é dar a ela outro mundo, outra identidade, outra cultura. Porém, isso muitas vezes não ocorre por conta de concepções equivocadas amplamente difundidas acerca do bilinguismo. A seção a seguir discutirá sobre o ser bilíngue na infância.

## 2 O bilinguismo infantil: mitos e concepções

São diversos os modelos teóricos que tentam compreender o fenômeno de aquisição da linguagem. A teoria cognitivo-comportamental (SKINNER, 1957) supunha, por exemplo, que as

crianças aprendiam a falar por imitação; o gerativismo direcionava as suas reflexões para uma faculdade da linguagem inerente ao ser humano, isto é, pré-determinada geneticamente (CHOMSKY, 1965, 1972); a Fonologia Gestual (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1986, 1989), bem mais recentemente, aposta em uma visão dinâmico-emergentista da aquisição da linguagem, enfatizando os componentes sensorio-motor e temporal e levando em consideração a importância de fatores extralinguísticos. Todas elas, porém, têm em comum o fato de que, sem contato frequente e regular com a língua, é impossível, para a criança, adquiri-la. Da mesma forma, é mais fácil perdê-la. A criança perde a competência linguística se diminuir ou não tiver contato com a língua em questão, pois é necessário que, durante o período da aquisição, o conhecimento ganhe estabilidade na mente do falante. É a chamada erosão linguística (FLORES, 2017, p. 8). Da mesma forma, nenhuma criança consegue recusar a aprendizagem de uma língua, pois basta o contato para que isso ocorra. Logo, ao contrário do que o senso comum acredita, falar duas línguas na infância não tem correlação com a variável inteligência. Esse é um dos mitos difundidos por pessoas leigas.

Segundo Genesee e Meisel (1989), muitos estudos comprovaram que a aquisição de duas línguas concomitantemente durante a infância não apresenta muita diferença da de uma língua somente e, contrariamente ao que o senso comum acredita, conforme De Houwer (1990), a criança em ambiente bilíngue faz, desde muito pequena, distinções entre as línguas ali presentes. Uma língua não impede o desenvolvimento de outra, o que também é um mito apregoado por leigos. Segundo Flores (2001), até a data, não havia pesquisas científicas da área da Linguística que comprovassem que, em contextos de convívio diário entre duas ou mais línguas, houvesse algum tipo de bloqueio no processo de aquisição de uma delas. Algumas interferências, seja em nível lexical, sintático ou morfológico, são naturais tendo em vista o ambiente linguístico, e não são “misturas” realizadas por falantes que não têm capacidade de continuar uma conversação em determinada língua, como muitos acreditam. Algumas delas são, inclusive, intencionais, como o fenômeno do *code-switching*, em que ocorre a ativação e a desativação de línguas de um falante em seu discurso, fazendo com que haja alternância entre as línguas dominadas. Segundo Gumperz (1982, p. 59), *code-switching* é “a justaposição dentro do mesmo fragmento de fala de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos”. Esse fenômeno mostra, na verdade, competência comunicativa acurada por parte do falante, que conhece as línguas dominadas pelo seu interlocutor e lança mão desse recurso, geralmente de forma inconsciente, embora não só, para, entre muitos outros motivos, ironizar, dar ênfase, marcar a sua identidade, excluir alguém da conversa e transmitir algum tipo de sentimento, como raiva e tristeza (GROSJEAN, 1982, p. 152).

Segundo Bialystok (2009), na verdade, são várias as vantagens de ser bilíngue. Os outros idiomas estão ativos e disponíveis quando um está sendo usado, e isso significa melhores efeitos em relação à memória, à competência metalinguística, à fluência verbal e à competência cognitiva como um todo. A pesquisadora também demonstrou, em estudo anterior (BIALYSTOK; MAJUMDER, 1998 apud BYALISTOK, 2009, p. 5), que crianças bilíngues desenvolvem mais precocemente a capacidade de resolver problemas comparadas às monolíngues e que têm tempo de reação menor para dar respostas a questões conflitantes. Além disso, Mozzillo (2015) verificou que crianças bilíngues desenvolvem a capacidade de julgar a proficiência linguística de falantes muito antes do que crianças monolíngues.

No entanto, apesar dos muitos estudos acerca das vantagens de aprender duas ou mais línguas na infância, há, ainda, muitos mitos circundando a questão da aquisição bilíngue da linguagem. Além dos supracitados (saber duas línguas na infância tem relação com inteligência e utilizar duas línguas no discurso é não ter capacidade de falar uma nem outra), escuta-se, comumente, que “o bilinguismo traz problema para a sociedade”, “crianças devem aprender uma língua bem e depois a outra”, “no colégio é problemático falar mais de uma língua”, “falar mais de um idioma em casa pode trazer confusão mental para a criança”, “ter que falar mais de uma

língua na rua provoca sentimento de vergonha e exclusão”, “falar em outra língua é grosseiro porque quem não entende acredita que falam mal dele”, “quando o assunto é sério se deve falar a língua local”, “só vale a pena ensinar uma outra língua à criança se ela tiver prestígio no mundo”, “deve-se consultar os filhos se eles querem ou não aprender a língua”, entre muitos outros (MOZZILLO, 2015, p. 153-54). Logo, fica claro que estes podem influenciar na decisão de pais, muitas vezes por escutarem profissionais que compartilham dessas opiniões, como médicos, professores e fonoaudiólogos, a não permitirem a aprendizagem de outra língua por seus filhos na infância, privando-os de todos os benefícios já mencionados. Este estudo de caso, entre outros objetivos, visa a observar esse aspecto.

### 3 Aspectos metodológicos

A fim de tratar do assunto referente a esta pesquisa, foram feitas, primeiramente, pesquisas na literatura da área (DE HOUWER, 1990; HAMERS e BLANC, 2000; MOZZILLO, 2015; FLORES, 2017) com o objetivo de conhecer e refletir acerca dos mitos e concepções que circundam o bilinguismo infantil do ponto de vista científico e com colocações feitas por estudiosos da área. Buscou-se, também, sites e artigos não especializados na área da Linguística, como Revista Educação, Guia do Estrangeiro, Núcleo do Conhecimento, jornal O Estado de São Paulo, a fim de verificar as concepções de pessoas, em sua maioria, leigas acerca do bilinguismo infantil. O levantamento trouxe variadas questões: falar duas línguas pode prejudicar a criança na escola; crianças bilíngues são mais inteligentes que as monolíngues; o bilinguismo é um problema social; falar duas línguas gera confusão mental para a criança; quem fala mais de uma língua não fala nenhuma como deveria, entre muitas outras.

Com base nessa recolha, foi preparado um roteiro para entrevistas semiabertas e focalizadas, isto é, apoiadas em teorias e hipóteses que eram relevantes para a pesquisa e que eram capazes de proporcionar amplo campo de perguntas, porém abertas para outras questões se necessário, não planejadas previamente, conforme andamento e necessidade. O presente estudo de caso contou com a participação de duas informantes: mãe peruana e filha brasileira. A primeira, doutora na área das agrárias, nasceu no Peru, onde viveu até os seus 17 anos, quando veio para o Brasil, país em que reside até hoje. Já no Brasil, casou-se com um brasileiro e teve sua filha, nascida em Pelotas/RS, onde sempre residiu, hoje com 24 anos, graduada na área da saúde. As entrevistas previam perguntas e tópicos de discussão acerca da história de vida das informantes, dos usos das línguas ali presentes e que levassem a concepções e mitos acerca do bilinguismo, tais como “*Tu achas que pode ser prejudicial para uma criança aprender duas línguas ao mesmo tempo, que isso pode confundir-la?*”, “*Na escola, essa criança poderia ter dificuldades por conta disso?*”, “*Por que optaste por não ensinar a tua língua materna para a tua filha?*”, “*Hoje, gostarias que a tua mãe tivesse te ensinado o espanhol?*”.

As entrevistas foram realizadas em tom bastante informal na casa da informante filha e em ambiente compartilhado com a pesquisadora no caso da mãe. A pesquisadora fez uso de um gravador para obter os registros. A primeira entrevista realizada, com a mãe, durou 25 minutos, e a segunda, com a filha, 17 minutos. Ambas foram transcritas pela pesquisadora via sistema ortográfico padrão tendo em vista que a transcrição fonética dos dados não é necessária para o alcance do objetivo deste estudo. No total, foram analisados qualitativamente vinte excertos retirados das entrevistas. O modo itálico de fonte foi utilizado para quando a mãe realizou algum tipo de *code-switching*, isto é, alternância linguística, e produziu palavras e sentenças em espanhol no meio da sua fala em português. As seguintes siglas foram utilizadas para a transcrição das entrevistas na seção a seguir: P (pesquisadora), M (mãe), F (filha). A fim de transparecer o tom informal que foi dado à entrevista, as transcrições foram realizadas exatamente como proferidas, isto é, em linguagem coloquial, sem quaisquer preocupações com aspectos gramaticais da língua

culta padrão. As sentenças entre colchetes são notas da autora deste trabalho. Para a participação na pesquisa, ambas as informantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

#### 4 Análise das entrevistas

##### 4.1 A mãe

Desde o início da entrevista, a mãe mostrou ter noções pertinentes acerca da aprendizagem de uma língua estrangeira. Ao ser questionada sobre querer que marido e filha falassem a sua LM, disse que achava muito importante ter outra língua. Relatou, ainda, ter estudado inglês em curso particular no Peru e evidenciou a importância do contato com uma LE, ainda que indiretamente, para que se possa, de fato, adquiri-la.

(1)

**M:** Não sabia nada [de português], um pio, só que comecei a assistir muita televisão e aí eu peguei muitas palavras dos estrangeiros, e eu convivia muito com eles (...) Mas aí eu fui morar com brasileiros, aí comecei a escutar mais o português (...)

Como já relatado na seção anterior, a mãe veio para o Brasil bastante jovem, onde casou-se com brasileiro e teve sua filha, nascida na cidade de Pelotas. Embora seguisse usando o espanhol dentro de casa, optou por não fazer o mesmo com a sua filha. Ao ser questionada quanto a isso, relatou:

(2)

**M:** Minha filha fala bem o português. Ela não gosta nada de aprender o espanhol.

**P:** Tu tentou ensinar o espanhol?

**M:** Eu tentei, mas quando ela era criança ela disse que *no* queria aprender.

Nota-se que a mãe, além de já trazer o posicionamento atual da filha acerca de aprender espanhol, relata que a decisão, na verdade, foi da filha em não querer adquirir o espanhol como uma língua materna durante a infância. Segundo Flores (2017):

Todas as crianças (saudáveis) que crescem numa comunidade linguística adquirem, de forma inconsciente, um sistema linguístico muito idêntico, a sua língua nativa, independentemente do seu estatuto social, da sua personalidade ou de fatores cognitivos, como o grau de inteligência. Como tal, nenhuma criança consegue recusar-se a adquirir linguagem. Basta a mente ter contacto com dados linguísticos para os 'absorver' e construir saber linguístico (FLORES, 2017, p. 4).

Além disso, sabe-se que na conhecida "fase do não", uma das características que se desenvolve na criança é a teimosia e a relutância. Para todas as suas tarefas, geralmente, haverá contestação. O mesmo acontece com a língua, a qual deve ser passada como qualquer outro ensinamento, como aqueles relacionados à higiene e à educação escolar. Como sabemos, não se trata de escolher ou não ter outra língua materna, não fazemos essa opção quando criança, pois a temos, simplesmente. Conforme De Houwer (2006, p. 35), "on ne prôteguère attention à l'acquisition de la langue; elle se fait pourainsidire «naturellement»"<sup>4</sup>. É possível, acredita-se, portanto, acrescentar à lista de mitos acerca da aquisição infantil bilíngue o fato de o filho poder escolher ou não adquirir a língua. Essa questão fica ainda mais clara na passagem a seguir:

<sup>4</sup> "Não se presta muita atenção à aquisição da língua; ela ocorre, por assim dizer, 'naturalmente'." (tradução nossa)

(3)

**P:** E de que forma tu tentou ensinar o espanhol pra ela?

**M:** Falava com ela, “[nome da filha], *ven para aquí*. [nome da filha], *vamos para casa*”. *Sí*, falava tudo em espanhol pra ela, né.

**P:** Mas tu insistiu?

**M:** Não. Não insisti porque ela disse que não queria. E quando meus amigos estrangeiros que eu conheci também aqui em Pelotas chegavam em casa, ela não gostava muito, ela se isolava.

Como sabemos, é natural que a criança, no início, se recuse a utilizar a língua que lhe está sendo dada, pois é diferente da falada entre os colegas na escola, com as professoras e com os amiguinhos vizinhos e o que ela não quer, na maioria dos casos, é se sentir diferente. Acredita-se que seja importante, no entanto, insistir, pois esse é um dos conhecidos processos imbricados na aquisição de quaisquer línguas maternas, isto é, os pais possibilitarem, ao filho, por meio da insistência, o contato com a LM.

Ao ser questionada acerca da participação do pai na decisão, relatou:

(4)

**M:** Ele disse que se ela não quer [aprender o espanhol], ela não quer, não vamos insistir. A gente não insiste nas coisas, né. Ela é pequena. Ela entende muito bem, ela entende, mas ela tem vergonha de falar.

O pai, como podemos ver, pensava como a mãe e achava que era uma decisão da filha falar ou não em espanhol. Sabemos, conforme literatura da área, que, geralmente, o pai é quem autoriza ou não o uso da língua dentro de casa (SOUSA, 2015). Neste caso, o pai pareceu, conforme relata a informante, bastante taxativo. Não sabemos se a mãe teria insistido mais se o pai não se posicionasse dessa forma, logo, acreditamos que isso possa ter tido fortes influências na decisão da mãe de desistir de tornar a filha bilíngue.

Ainda sobre esse tópico, contou que a sua forma de tentar ensinar o espanhol à filha foi cantando, colocando o estilo musical típico salsa e pedindo favores e tarefas usando a referida língua. O tipo e a quantidade de contato com a língua, isto é, o *input* são conhecidamente fatores-chave no processo de aquisição de um sistema, conforme explica De Houwer (2006, p.40): “Celui-ci [um dos pais da criança] devraveiller à ce que saproductionlinguistiquesoit d’une quantité et d’une qualité suffisantes pour permettre à l’enfant d’apprendre la langue.”<sup>5</sup>

(5)

**M:** E eu falava assim “[nome da filha], me traz *labasura*”, “Ai, mãe”, “[nome da filha], *por favor, labasura*.” Nada. “Fala direito”, ela dizia pra mim.

A criança, ao usar a frase “fala direito”, como foi possível observar, se recusa a utilizar a língua, apresenta resistência e considera “errado” o espanhol, pois não é a língua utilizada em sua escola, com os seus colegas e amigos, nem em casa, já que o casal utilizava o português para se comunicar. Então, por qual motivo utilizaria o espanhol com a mãe?! Segundo Harding e Riley (1986), uma das peças mais importantes para uma criança desenvolver o seu bilinguismo é, além dos pais, as outras crianças, isto é, seus pares, a partir de contatos regulares. A mãe parece saber, no entanto, que a repetição, como visto no trecho acima, e a correção explícita colaboram com a consciência da criança acerca do seu bilinguismo e na aquisição de uma língua, porém a filha mostra forte resistência. Outro mito possível de observar na entrevista, também ligado a esse, é que não falar uma língua tem relação com ter ou não personalidade forte, conforme pode ser observado na fala da mãe a seguir.

---

<sup>5</sup>“Este [um dos pais da criança] deverá garantir que sua produção linguística seja em quantidade e qualidade suficientes para permitir que a criança aprenda a língua.” (tradução nossa)

(6)

**M:** (...) ela tem assim um jeito especial de ser, ela não gosta de ser mandada, se tu falas com jeitinho, ela obedece, como todo mundo. Mas se tu dizes uma coisa forçada, ela se incomoda. Roupa também, eu comprava do meu jeito, todo colorido e ela não gostava. (...) era o jeito dela, é a personalidade dela, porque o pai é muito sério, ele também se veste assim, bem preto, marrom, nada colorido.

Nesta passagem, podemos ver que a mãe associa escolher não adquirir outra língua materna à escolha da cor de uma roupa, que conseqüentemente está, na visão dela, ligada à personalidade forte. Sabemos, no entanto, que não se trata disso. A criança, como já reportado, terá a tendência da resistência. A não aprendizagem de outra língua quando presente dentro de casa vai muito além da perda do instrumento de comunicação, pois todos os outros benefícios já conhecidos que vêm imbricados na aprendizagem, como aqueles referidos à identidade, ficam, de certa forma, prejudicados.

Ao ser questionada a respeito do que a filha pensa hoje acerca de saber o espanhol, disse que quer aprender, que pergunta a ela o motivo de não a ter ensinado, em tom de contestação.

(7)

**M:** Ela até disse pra mim “Por que tu não me ensinou?”. Ela agora me disse. “Por quê? Porque tu não querias aprender”.

Relata que a filha fala em português com os primos por parte de mãe e que eles se entendem. Além disso, contou que a filha, ao encontrar pessoas que falavam em espanhol em Pelotas/RS, cidade onde reside, perguntou se não poderiam falar em inglês. Segundo a mãe, apesar de hoje querer falar em espanhol, recusa-se a falar o pouco que sabe por vergonha, muito provavelmente porque desde muito pequena se deu conta da língua que de fato precisava utilizar, o português, já que nos ambientes em que convivia era ela a empregada.

Questionada acerca da escola, respondeu à pesquisadora que houve confusão entre as línguas e que ter aprendido as duas ao mesmo tempo a prejudicaria, o que parece ter tido influência na sua decisão. É contraditório, no entanto, o fato de, em famílias bilíngues, a considerada solução para dificuldades na aprendizagem de uma língua seja a menor exposição a ela ou até mesmo a sua remoção, sendo que, em famílias monolíngues, o pensamento é oposto, ou seja, quanto mais contato com a língua a criança tiver, menores serão os seus problemas relacionados à aprendizagem linguística (DE HOUWER, 2006, p. 30).

(8)

**M:** Confundi muito [ter contato com duas línguas]. Muito. Porque eu fazia palavras em ditado, então eu dizia assim por exemplo, Brasil, ela sabia escrever direito o Brasi[l], e a professora Brasi[w], porque pra vocês o l é como u. Aí ela botava com u, e ela tinha esse problema.

Isto é, vendo a filha “ter dificuldades” na escola, ser corrigida, pensava não ser bom para a menina lançar mão das duas línguas. No entanto, sabe-se que a criança bilíngue, desde muito cedo, distingue as línguas presentes em seu entorno e que a relação entre bilinguismo e sucesso escolar é muito complexa, não devendo ser explicada somente pelo fato de uma criança ter duas línguas (CUMMINS, 2000, p. 6).

Mais uma vez, nota-se a importância do pai no processo de ensino de uma segunda língua materna à criança. A mãe tem noção de que precisaria do contato para que a filha tivesse duas línguas maternas, mas salienta, em sua fala, que não poderia fazer isso sozinha e que precisaria do pai. Segundo Grosjean (1982), bilíngues geralmente sentem necessidade de seu parceiro também dominar a sua língua materna para que possam expressar melhor seus sentimentos, o que pode ter sido outra razão para achar que o pai deveria falar em espanhol.

(9)

**P:** É o que tu queria ter feito diferente pra conseguir esse processo com a tua filha? Pensando hoje, já que ela te cobra, né... O que tu poderia ter feito diferente?

**M:** Eu seguir falando a minha língua normal, dentro de casa. É a minha identidade. Mas só se o meu marido também falasse o espanhol comigo.

**P:** Não poderia tu falar espanhol e ele em português, por exemplo?

**M:** Poderia até, mas aí eu já tava confusa também.

Mais um mito pode ser adicionado à lista daqueles relacionados ao bilinguismo infantil, isto é, a falsa ideia de que pai e mãe precisam falar aquela língua para que a criança a adquira. Sabemos, no entanto, que não. Estabelecido esse acordo de falar espanhol com a mãe, a filha assim o faria sempre, enquanto com o pai falaria em português, o que não causaria problemas para a criança, conforme explica De Houwer (2006, p. 39): “Dèsles premières paroles qu’il ou elle adresse à son bébé, le parent bilingue doit arrêter son choix quant à la langue, ou aux langues, qu’il va employer. Engénéral, ce choix se fait de manière plus ou moins inconsciente (...)”<sup>6</sup>.

A mãe, durante toda a entrevista, mostra sentimento de querer muito que a filha compartilhasse dessa identidade.

(10)

**M:** Eu digo pra ela, “Imagina [nome da filha], tu fala perfeitamente o português, o inglês”, ela viajou por toda a Europa, agora imagina tu [falando o] espanhol (...) Eu gostaria que ela falasse perfeitamente, como ela fala perfeitamente o inglês.

Ela realmente gostaria que a filha tivesse também a sua língua como materna, isso a aproximaria da família e das suas origens. Como foi possível observar a partir dos dados da mãe, embora tivesse noções corretas acerca da aprendizagem de uma língua, como a importância do contato para tal, optou por não o fazer com a sua filha. A decisão da mãe e, conseqüentemente do pai, parece, ao que tudo indica, ter sofrido influências dos mitos que permeiam o assunto e da falta de informação sobre as possibilidades e abordagens das políticas linguísticas familiares.

## 4.2 A filha

Assim como a mãe, a filha demonstrou conhecimentos, ainda que não diretamente, de aspectos linguísticos, e pareceu ser menos influenciada pelos mitos acerca do bilinguismo infantil. Desde o início da entrevista, deixou claro que a sua paixão era a língua inglesa. Contou que fez curso particular de espanhol durante a infância, mas que, em seguida, desistiu. Quando lhe foi questionado a respeito da língua hispânica, LM de sua mãe, respondeu:

(11)

**F:** Eu sei espanhol, mas não é algo que eu consiga falar fluentemente. Eu entendo, eu sei falar, mas acho que me dá mais vergonha de falar. Eu acho porque eu sempre gostei tanto do inglês que eu nunca aprofundi o espanhol, então sempre ficou por essas mesmo, nunca tive tanto interesse no espanhol.

Talvez esse seja mais um mito ligado ao bilinguismo de uma maneira geral, o de não poder aprender duas línguas estrangeiras ao mesmo tempo, além da materna. Essa sua fala e preferência pelo inglês podem ter ocorrido porque há chances de a filha ter se interessado pela referida língua para suprir o que deixou de aprender na língua da sua mãe. A informante diz ter vergonha de falar espanhol, o que é bastante comum quando não há pleno domínio da língua. Ao ser

---

<sup>6</sup> “Desde as primeiras palavras que dirige ao bebê, o pai bilíngue deve decidir a língua ou línguas que usará. Em geral, essa escolha é feita de forma mais ou menos inconsciente.” (tradução nossa)

questionada sobre não ter aprendido espanhol na infância e sobre como era ter uma mãe que falava outra língua dentro de casa, respondeu:

(12)

**F:** A minha mãe conta que, quando eu era pequena, ela falava espanhol e eu falava que não gostava, que era pra ela parar de falar daquele jeito, então nunca foi algo muito vinculado ao meu dia a dia falar espanhol (...) Minha mãe fala que eu não gostava quando ela falava em espanhol, que eu pedia pra ela parar, mas eu nem lembro disso.

Mãe e filha contam a mesma história, isto é, a recusa da filha, durante a infância, a aprender o espanhol. Segundo a mãe, esse posicionamento foi definitivo para a decisão familiar de não “forçar” a língua espanhola à criança, já que esta não queria. Uma possibilidade para a resolução da situação teria sido o acordo entre os pais antes mesmo de a criança falar, isto é, quando ainda não se posicionava contra ou a favor. A filha, então, chega à questão da escola.

(13)

**F:** O que também me falam é que eu tinha muito problema de escrita, de trocar algumas letras. Por exemplo, meus pais me faziam ditado, falavam as palavras, e eu ia escrevendo palavra por palavra, e quando a minha mãe falava as palavras, eu acertava e quando meu pai falava eu errava (...)

A mãe, estrangeira na língua portuguesa, pronunciava as palavras conforme a ortografia, o que é muito comum em falantes não nativos. O pai, ao contrário, realizava fenômenos fonéticos comuns no uso diário da língua, como alçamento, apagamentos, haplologia, o que explica o acerto da filha nos ditados quando as palavras eram pronunciadas pela mãe. O bilinguismo, na verdade, em nada atrapalhava, a falta de conhecimento acerca do processo de aquisição da escrita, o qual inclui generalizações e formações de hipóteses, ainda que contrárias à norma, feitas também por monolíngues, sim.

Questionada sobre a sua relação com o espanhol hoje, responde deixando claro, mais uma vez, a recusa à LM da sua mãe.

(14)

**F:** Eu sigo normal, não tenho problema [em relação à mãe falar em espanhol em casa], eu entendo, respondo em português sempre (...) Nunca tento um pouquinho de espanhol. Até quando a minha família me ligava, eu ficava travada, não sabia o que falar, só respondo o básico (...) E agora da última vez [que foi ao Peru] eu falei mais com os meus primos até em inglês do que em espanhol.

Além disso, deixa claro que o seu problema é falar com nativos da língua, como a sua mãe e o namorado.

(15)

**F:** Eu também não tive tipo “ah, eu não gosto do espanhol”, nunca tive isso. Eu só não sabia falar, só parecia que nunca eu ia chegar a ser entendida, o meu espanhol não ia ser bom, então eu não ia ser entendida, aí eu não falava. O meu namorado, por exemplo, fala em espanhol, ele é uruguaio. Eu também não me sinto à vontade de falar perto porque eu acho que o espanhol, igual o da minha mãe, não é bom o suficiente pra falar, então eu não falo.

A questão psicológica que envolve o ensino e aprendizagem de línguas, como podemos ver, perpassa a fala da informante. Ter vergonha de falar uma língua que se está aprendendo, achar que o nível de proficiência não é suficiente para desenvolver uma conversa com um nativo, nesse caso, mãe e namorado, é bastante comum, conforme explica Calvet (2002, p. 72), o qual utiliza o termo “insegurança linguística” para explicar esses sentimentos por parte do falante não nativo.

Depois, a filha deixa claro que gostaria de ter aprendido a língua espanhola, pois sabe da importância disso.

(16)

**P:** E o que tu acha, então, de não ter adquirido o espanhol? Porque tu poderia ter adquirido como uma segunda língua materna...

**F:** Poderia. Eu já falei pra minha mãe, “Mãe, por que tu não insistia em falar em espanhol comigo?” e ela “porque tu não gostava”, e eu “então tá”, mas gostaria de ter aprendido mais. Hoje eu penso que gostaria de ter aprendido, que a minha mãe poderia ter falado sempre em espanhol e o meu pai sempre em português.

Como esperado, parece haver certo ressentimento por parte da filha em não ter tido o espanhol como língua materna, conforme já afirmava De Houwer (2006, p. 36-37): “(...) les enfants, engrandissant, regrettent de ne pas pouvoir communiquer avec des membres de la famille élargie, ou de ne pas pouvoir fonctionner dans un pays où s’emploie la langue qu’ils ne parlent pas.”<sup>7</sup> Ligada à academia, falou várias vezes, durante a entrevista, na importância de poder lançar mão de outras línguas, da relevância para a publicação de artigos e atividades acadêmicas outras. No entanto, parece se tranquilizar porque domina e é fluente em língua inglesa, o que lhe traz muitas oportunidades.

A filha, de uma maneira geral, parece ser menos influenciada pelos mitos que têm relação com o bilinguismo infantil do que a sua progenitora, como pode ser visto nos diálogos a seguir, em que a sua resposta é “não” para dois dos conhecidos mitos.

(17)

**P:** Tu acha que ter aprendido espanhol quando pequena poderia ter sido prejudicial de alguma forma?

**F:** Prejudicial não, de forma alguma. Não, eu acho que seria ótimo. Quanto mais línguas tu souber, melhor. Qualquer outra língua que tu saiba te acrescenta em alguma parte, até na tua profissão no futuro, em qualquer outra coisa que tu vá fazer.

(18)

**P:** E tu acha que a criança é mais inteligente porque tem mais de uma língua? Tu atribui isso à inteligência?

**F:** Eu acho que não. Eu acho que é o jeito a ser apresentado, ela aprende português do mesmo jeito sozinha, pelo ambiente que convive, então se ela botar pra aprender o espanhol, ela vai aprender do mesmo jeito.

(19)

**P:** E na escola seria um problema falar duas línguas?

**F:** Acho que num momento isso se perde, essa confusão. Acho que as pessoas se adaptam a um lugar bilíngue, as pessoas conseguem se forem ensinadas desde sempre, tu incrementar num lugar novo acho que seria difícil a adaptação, mas se fosse desde sempre assim, acho que não seria um problema.

Nota-se que, embora tenha mencionado a confusão na escola tendo em vista a troca de grafemas, não considera isso um problema, ao contrário da mãe. A informante sabe que o ambiente linguístico é de extrema relevância para a aquisição de qualquer língua e que a idade também tem importância, o que fica evidente quando utiliza a locução adverbial de tempo “desde sempre”, isto é, desde muito pequena. Segundo De Heredia (1987), sabe-se que crianças que adquirem duas línguas, concomitantemente ou uma após a outra, antes da idade escolar em

---

<sup>7</sup>“As crianças crescem lamentando que não podem se comunicar com membros da família estendida ou que não podem funcionar em um país onde é utilizada a língua que elas não falam.” (tradução nossa)

situação natural são consideradas equilíngues ou bilíngues equilibradas, pois têm desempenho como nativo em ambas. Ao que tudo indica, esta informante é, na verdade, bilíngue passiva, ou seja, é capaz de compreender a língua espanhola, mas não de produzir. A consciência linguística da informante fica bastante clara no segundo trecho, quando compara o aprender o espanhol com aprender o português, sua LM, ou seja, os processos funcionam da mesma forma, desde que lhe seja proporcionado o ambiente para isso, ao contrário da mãe que conseguia enxergar aspectos negativos na inclusão do espanhol como uma segunda língua materna para a criança.

Quando questionada quanto a sua opinião acerca da atitude linguística da mãe, de não proporcionar o espanhol, mostrou que gostaria que o posicionamento da mãe tivesse sido outro porque hoje reconhece a importância de dominar a língua.

(20)

**F:** Eu já falei pra minha mãe, “Mãe, por que tu não fez isso?”, mas ela falou que eu não gostava (...) Eu ia ter que aceitar uma hora, eu era criança. Teria sido interessante eu saber falar espanhol.

A filha, como pode ser visto na fala transcrita acima, traz a chave da questão: ser uma criança. O processo ia se naturalizar com o tempo, como bem disse “eu ia ter que aceitar uma hora”, bastava que houvesse insistência. O posicionamento dela é bastante contrário ao da mãe, que não quis insistir porque a filha dizia que não, pois tinha a personalidade forte. Nota-se, portanto, que a filha é menos influenciada pelos mitos, tem muito claramente a importância de poder lançar mão de línguas outras e questiona a decisão da mãe em não lhe proporcionar o espanhol, pois hoje é capaz de reconhecer o valor do ser bilíngue.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bilinguismo infantil e, principalmente, as atitudes e mitos relacionados a ele têm, ainda, muito a ser estudado. Este estudo não almejou esgotar as pesquisas acerca do assunto nem considerar a realidade encontrada nos resultados como partilhada por todas as famílias que vivem a referida situação. Trata-se de um estudo de caso da natureza qualitativa que buscou entender melhor as motivações, e sua relação ou não com mitos, de uma mãe e, conseqüentemente, de um pai para não tornar a sua filha bilíngue, proporcionando-lhe outra língua materna, compartilhada pela progenitora. Salienta-se, ainda, o fato de a análise aqui feita ser de cunho interpretativo e, portanto, os resultados observados são suposições baseadas em dados de fala das informantes, podendo, obviamente, ter outras leituras. Os objetivos deste trabalho eram ver a influência dos mitos na decisão dessa mãe, observar os sentimentos da filha em relação a essa escolha dos pais, verificar a influência do pai nessa atitude linguística da mãe e trazer, a partir dos relatos das informantes, outros possíveis mitos que possam contribuir com os já conhecidos e divulgados pela literatura da área.

A hipótese (i) deste trabalho, como pode ser observado nos resultados, foi confirmada. A mãe pareceu, a partir de seus relatos, ter sido influenciada por mitos que circundam o bilinguismo ao tomar a sua decisão. Falou da confusão que causaria na criança quando na escola, afirmou que o pai também precisaria falar espanhol em casa para que a sua filha aprendesse, disse que tomou a decisão porque a filha não quis aprender e que ela tinha esse poder de escolha, ainda que criança. A hipótese (ii) deste trabalho, da mesma forma, foi confirmada. A filha, embora diga não ter ressentimentos em relação à mãe, falou, muitas vezes, que queria ter aprendido espanhol, questiona a mãe do porquê não o ter feito, fala da importância da língua e o quanto precisa dela tendo em vista o seu contexto acadêmico atual. A hipótese (iii) deste artigo foi igualmente confirmada. O pai concordou com a mãe quando esta disse que não deveriam insistir, já que a filha não queria aprender e falar espanhol. Não é possível saber exatamente a participação do pai na firmamento da decisão da mãe, mas, igualmente, foi uma influência negativa, pois poderia ter discordado e incentivado a mãe peruana a fazê-lo.

Foi possível observar, a partir dos relatos das participantes, mitos bastante específicos, como (i) o fato de o filho poder escolher ou não adquirir a língua, (ii) não falar uma língua tem relação com ter ou não personalidade forte, (iii) pai e mãe precisam falar a mesma língua para que a criança a adquira e (iv) não poder aprender duas línguas estrangeiras ao mesmo tempo, além da materna.

Obviamente, esta pesquisa pode ter desdobramentos. Seria bastante interessante aplicar entrevistas mais longas com as participantes, a fim de colher maior número de informações. Além disso, sugere-se, por exemplo, para estudos de caso semelhantes a este, a realização da entrevista também com o pai para que a pesquisa seja ainda mais completa. Conjuntamente a isso, seria relevante aplicar questionários com uma lista de mitos a pais bilíngues e relacionar com a sua decisão de passar ou não a sua língua materna a seus filhos, a partir de depoimentos orais registrados.

Como se sabe, lançar mão de línguas hoje, mais do que nunca, nos coloca em outro patamar profissional, acadêmico e pessoal. Temos acesso a mais informações, oportunidades de emprego, possibilidades de futuro. Falar outra língua traz inúmeros benefícios, principalmente ligados ao cérebro. Transitar por duas ou mais línguas tem forte influência no modo como pensamos e agimos. Nossas memórias, valores e identidade são modificados tendo em vista as línguas que dominamos. Negar o bilinguismo a uma criança é, portanto, uma perda irrecuperável, pois isso é privar-lhe o mundo. Obviamente, os pais, quando tomam essa decisão, não têm consciência do que podem causar futuramente a seus filhos. Por conta disso, mais estudos como este são necessários, isto é, para trazer informações a leigos e desmistificar questões amplamente difundidas pelo senso comum.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, C. *A Parents' and Teachers' Guide to Bilingualism*. Tonawanda: Multilingual Matters, 2014.
- BIALYSTOK, E. Bilingualism: The good, the bad, and the indifferent. *Bilingualism: Language and Cognition*, 12 (1), 3–11, 2009.
- \_\_\_\_\_; MAJUMDER, S. The relationship between bilingualism and the development of cognitive processes in problem-solving. *Applied Psycholinguistics*, 19, 69–85, 1998.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press, 1933.
- BROWMAN, C. GOLDSTEIN, L. Towards an Articulatory Phonology. *Phonology Yearbook*, n 3, p. 219-252, 1986.
- \_\_\_\_\_. Articulatory gestures as phonological units. *Phonology Yearbook*, n. 6, 1989.
- CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. *Language and mind*. New York: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1972.
- CUMMINS, J. *Language, power and pedagogy. Bilingual children in the crossfire*. Clevedon: Multilingual Matters, 2000.

DE HEREDIA, C. Do bilingüismo ao falar bilíngue. In: VERMES, G.; BOUTET, J. *Multilingüismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 177-220, 1987.

DE HOUWER, A. *The acquisition of two languages from birth: A case study*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DE HOUWER, A. Le développement harmonieux ou non harmonieux du bilinguisme de l'enfant au sein de la famille. *Langue et Société*, n° 116, 29-49, 2006.

FLORES, C. Bilinguismo infantil: um legado valioso do fenómeno migratório. *Diacrítica*, vol. 31, n° 3, 2017.

GENESE, F. Early bilingual development: One language or two? *Journal of Child Language*, 16, 161-179, 1989.

GROSJEAN, F. *Life with Two Languages. An Introduction to Bilingualism*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982.

\_\_\_\_\_. Individual Bilingualism. In: *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press, 1994.

GUMPERZ, J. *Discourse strategies*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1982.

HAMERS, J.; BLANC, M. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HARDING, E.; RILEY, P. *The Bilingual Family: a Handbook for Parents*. New York: Cambridge University Press, 1986.

HAUGEN, E. *The Norwegian language in America: A study in bilingual behavior*. Vol. I: The bilingual community; Vol. II. The American dialects of Norwegian. Bloomington: Indiana University Press, 1953.

MACNAMARA, J. Bilingualism in the modern world. 23 *Journal of Social Issues*, 1967.

MEISEL, J. M. Early differentiation of languages in bilingual children. In: HYLSTENSTAM, K.; OBLER, L. (Ed.). *Bilingualism across the Life Span: Aspects of Acquisition, Maturity, and Loss*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 13-40.

MOORE, D. *Plurilinguismes et école*. Paris: Editions Didier, 2006.

MOZZILLO, I. A conversação bilíngue dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. In: HAMMES, W.; VETROMILLE-CASTRO, R. (Org.). *Transformando a sala de aula, transformando o mundo: ensino e pesquisa em língua estrangeira*. Pelotas: Educat, 2001.

\_\_\_\_\_. O mito da pureza linguística confrontado pelo conceito de code-switching. In: *VIII Centro de Estudos Linguísticos do Sul*, 2008, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2008, p. 1-8.

\_\_\_\_\_. Algumas considerações sobre o bilinguismo infantil. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, vol 19, nº 1, 2015.

SKINNER, B. F. *Verbal Behavior*. Acton, Massachusetts: Copley Publishing Group, 1957.

SOUZA, A. Motherhood in migration: A focus on family language planning. *Women's Studies International Forum*, 52, p. 92-98, 2015.

WEINREICH, U. *Languages in Contact*. The Hague: Mouton, 1953.

Submetido em 06/02/2020

Aceito em 19/06/2020